

# A Architectura Portugueza

REVISTA MENSAL

DA

## ARTE ARCHITECTURAL

ANTIGA E MODERNA

Collaborada por architectos e escriptores d'arte portuguezes

	ANNO I — N.º 12	DEZEMBO—1908	
<b>SUMMARIO</b>			
<p>A CASA DO J. J. DA SILVA GRAÇA, pelo architecto, Ventura Terra — <i>Dr. Jose de Figueiredo.</i></p> <p>PROJECTO DA CASA DO SR. J. J. DA SILVA GRAÇA — Architecto, Ventura Terra.</p> <p>O PREMIO VALMÓR.</p> <p>O MONUMENTO DE MAFRA — Inedito, com annotações de <i>Julio Ivo.</i></p> <p>INTERCALARES XXIII e XXIV, DO PROJECTO.</p>			
<b>ASSIGNATURA</b> PAGAMENTO ADIANTADO			
	<p>Trimestre . . . . . 900</p> <p>Semestre . . . . . 1800</p> <p>Anno . . . . . 3600</p> <p>Avulso . . . . . 400</p>	<p><i>Para os paizes da União Postal</i></p> <p>Anno . . . . . 4800</p> <p>Annucios pela tabella, conforme o espaço.</p>	

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — RUA MARIA ANDRADE, 10, 2.º — LISBOA

Composto e impresso no  
CENTRO TYPOGRAPHICO COLONIAL  
Rua da Conceição da Gloria, 76 a 80

1908

# A ARCHITECTURA

Revista mensal  
de construção  
e de architectura pratica

# PORTUGUEZA

Director-proprietario: MARIO COLLARES

Secretario da redação: MARIO A. S. DUARTE

Composto e impresso no Centro Typographic Colonial—R. Conceição da Gloria, 78 e 80  
Photographies de Arnaldo da Fonseca — Gravuras de Pires Marinho & C.º

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — RUA MARIA ANDRADE, 10, 2.º — LISBOA

## A CASA DO SR. J. J. DA SILVA GRAÇA

Coniornada pelas avenidas Fontes Pereira de Mello, Antonio Maria de Avellar, e ruas Latino Coelho, Barros Gomes e Thomaz Ribeiro.

ARCHITECTO: VENTURA TERRA

A proposito do edificio do Banco Lisboa & Açores, já nos occupámos, n'esta Revista, de Ventura Terra, e vimos então como este illustre artista, tendo de realizar essa construção, soube, antes de tudo, ser um logico, fazendo uma edificação essencialmente util, caracterizada forte e expressivamente na sua forma exterior, em harmonia com o seu fim preciso e determinado. A violencia da esculptura d'essa fachada feriu, é certo, durante muito tempo, a retina do lisboeta acostumado á chateza do estylo pombalino, em que as aberturas, com as portadas e vidraças á superficie, parecem cortadas á thesoura em papel de cartas; mas hoje, apezar do seu enquadramento hostil, todos começam a comprehender o que ha de superiormente intelligente no cuidado que o architecto teve em fazer avolumar os perfis d'esse trecho de architectura que, pela relativa estreiteza da rua, não podia, com vantagem para o effeito de conjuncto, ser olhado de frente.

Ventura Terra resolveu assim, bellamente, tres problemas: o da utilidade do edificio e o da perspectiva e caracterização exterior, tornando-o visivel de longe e chamando, como era

mister, a atenção do transeunte para essa construção que, do publico, e, para o publico, vive.

O edificio de que hoje nos occupamos offerencia um problema differente. O artista, como sempre, não podia, é claro, deixar de attender tambem ao seu fim util, mas a solução da sua these, só, n'esse ponto, era analoga. No resto, divergia em muito, sendo mesmo, estheticamente, o effeito a procurar opposto, dado o caracter essencialmente particular d'essa habitação votada ao abrigo d'um determinado grupo familiar.

O fim, assim, era mais preciso e, consequentemente, mais facil por se dar o caso raro do proprietario, o illustre director d'*O Seculo*, sr. Silva Graça, pessoa intelligente e cultissima, saber o que queria. N'estas condições, e com um programma definido, ao architecto só cabia a sua realisação logica, preoccupando-se, sobretudo, com o que devia ser um dos pontos a attingir na construção d'uma casa moderna, digna d'este nome: a hygiene e o conforto. A parte plastica, se o architecto é verdadeiramente artista, vir-lhe-ha depois, da planta, crescendo d'ahi, naturalmente a construção, no devido equilibrio, com as tres medidas: de largura, profundidade e altura.

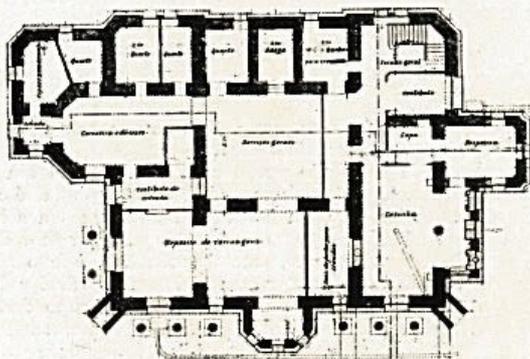
Tal foi o fito de Ventura Terra. Disposta a fachada principal do edificio ao norte, por o terreno, mais alto de esse lado, offerecer assim um envasamento natural, o architecto ergueu essa parte da casa em torre, não para, n'uma vesania analoga á da maioria dos proprietarios suburbanos, fantasi-

ar-lhe dentro bésteiros e mais homens d'armas medievaes, mas para fazer assim, com o cutello d'esses dois altos pannos de parede, um resguardo para abrigo da parte posterior da construção. E essa defeza completou-a o architecto com a serie



Perspectiva das fachadas do nascente e norte

de corpos salientes que crescem a noroeste, e, ainda, com a maneira porque fechou, o mais possível, esse lado da sua edificação. As aberturas ahi ou são cortadas em fresta, estranguladas o mais possível, ou, se rompem mais largas, por necessidade da iluminação interior, soffrem a correção d'um mainel que as reduz e protege contra os assaltos da ventania desabrida. Em Lisboa, os ventos dominantes e verdadeiramente encommodos são os do norte.



Planta do rez-do-chão

Protegido assim o edificio, a fachada do sul abre-se já em amplas aberturas, que, ou se estendem em largas e are-

jadas varandas e terraços com vistas panorâmicas admiráveis, ou se fecham em magníficos jardins de inverno, que são, por assim dizer, outros tantos depositos de calor que, em dias de bom tempo, vão, sem outro auxilio, aquecer a casa até ao ultimo extremo da fachada norte.

A côr que reveste as fachadas é que me não parece a melhor. E' demasiado uniforme e sombria. O caracter geral da construcção pedia mesmo que a pedra ou um simulacro d'ella, com o arrincoado das suas juntas ligeiramente visível, na tonalidade luminosa e quente do nosso lioz regional, a envolvesse, dando-lhe um aspecto mais solido e macisso que muito lhe convinha. Mas isto é erro, se é que o é, que tem facil remedio.

No mais, a construcção é modelar. Proprietario e architecto estudaram-na nas suas menores minucias, e aquelle, não se limitando a fornecer unicamente ao artista os meios essenciaes ao levantamento do edificio, tornou-se n'um verdadeiro e valioso collaborador de Ventura Terra. Assim, procedendo a experiencias com os tijolos, chegou á conclusão de que o emprego d'esse material era nocivo para a saude, banindo-o da sua construcção em que entra apenas nos fundamentos.

As suas experiencias feitas com vasilhas de barro, cheias d'agua e hermeticamente fechadas, são d'uma grande simplicidade, mas, nem por isso, provam menor engenho. E', como sempre, o caso do ovo de Colombo. Resta só agora que os homens de sciencia constatem, devidamente, essas conclusões.

Depois, sempre com o mesmo fito hygienico, a casa não tem, nem nas paredes, nem entre os tectos de um andar e o pavimento do immediato, um unico vasio, tornando-se portanto impossivel a existencia de depositos de ar confinado, prejudiciaes sob tantos pontos de vista, e banindo-se assim igualmente a pos-

sibilidade da cohabitacão dos ratos, muito menos inoffensivos do que geralmente se suppõe.

Na divisào interna, tambem como deve sempre ser, a collaboracão foi mutua. E todo o aproveitamento do edificio, feito em harmonia com as necessidades da pessoa a que era destinado, avulta em toda a nitidez sem que mereça o menor reparo. Não ha recanto que não tenha a sua utilidade, e a sua funcção é sempre a mais adequada á sua situacão em relacão á exposicão exterior e em relacão á distribuicão dos outros compartimentos.

A decoracão é sobria e toda constructiva. Poucos ouros, pouquissimos capiteis e nenhuma allegoria symbolica. Ventura Terra detesta os *placages*, e abomina a mentira, qualquer que seja a fórma porque ella lhe appareça, e só recorre a esses processos quando, como no atrio do Theatro de S. Carlos, a natureza da construcção, lh'os impõe. Por isso, n'este edificio, em vez de recorrer a todos esses cançadissimos trucs, procurando, por exemplo, mascarar o reflexo monotonamente regular das molduras do vigamento em ferro em que assentam os diversos pavimentos, avoluma-os, tirando um interessante partido da repetição, differentemente combinada, d'esses motivos.

O volume é, de resto, para Ventura Terra, tudo. Quando construe, não procura nunca desenhar, modelando á superficie das paredes combinações mais ou menos consagradas. Trata, antes, de esculpir, com os materiaes que tem á mão e em que firma as suas construcções, os relevos que o emprego logico d'esses mesmos materiaes naturaes naturalmente lhe indica. E' isto racional e, por isso, moderno, e, no fundo, afinal, o mesmo principio da architectura gothica, posto infelizmente de parte pela Renascença, movimento de Arte que,



Hall

ainda de um grande valor no começo, pelo genio portentoso dos seus obreiros, foi, pouco e pouco, pela fatalidade das suas convenções mentirosas, decahindo até, nos seus seus ultimos arrancos, nos dar o chamado estylo jesuitico, d'onde procede

a maneira pombalina e o, mais recente, estilo-mestre-d'obras que, para gaudío da Obra-Pública triumphante, impera ainda em Portugal, de norte a sul.

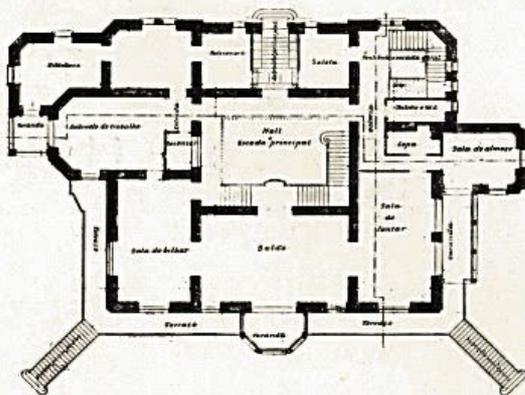
\*  
\* \* \*

Muito propositalmente, apesar do caracter discreto d'esta construcção, puzemos aqui em destaque a acção do proprietario. E oxalá que sempre assim o pudessemos fazer. A architectura não andaria tão arrastada como anda, presentemente, entre nós. O movimento renascedor que, n'essa arte, se manifesta tão frouxamente, já ha muito que teria tomado um bem maior incremento.

Emquanto, a pintura e mesmo a esculptura, podem quasi viver de per si, manifestando-se com um auxilio monetario relativamente diminuto, a architectura, sem esse auxilio largamente dado, é absolutamente impossivel. Póde o architecto ser capaz dos mais arrojados planos, e mais capaz ainda de os realisar, que isso de nada valerá se o proprietario não vier em sua ajuda, facultando-lhe os meios de se afirmar victoriosamente.

E o proprietario em Portugal, em materia d'arte, esquecido por completo, do que fomos em epochas mais remotas, com rarissimas e honrosissimas excepções reza infelizmente, pela mesma via e secca cartilha dos seus mais proximos antepassados. A casa, para elle, continua a ser a mesma coisa incharacteristica e incommoda, onde se tiritá de inverno, em que se escalda de verão, e que, se faz mal ao corpo dos que a habitam, não faz menos damno ao espirito dos que, por dentro e por fóra, tem de, diariamente, olhala.

Eu bem sei que a arte, sendo «a expressão d'um estado da sensibilidade collectiva», não póde, n'uma epocha cheia de incertezas e duvidas como é a nossa d'hoje, afirmar-se com a mesma força com que se afirmou no fim da idade média, por exemplo; mas o que perde, actualmente, em força, pode ganhar-o em graça e supprir, até certo ponto, na caracterisação d'esse mesmo estado nublado e dubio em que vivemos, o poder e nitidez que só as epochas fortes são capazes de produzir.



Planta do andar nobre

As caravanas de artistas e artífices, vivendo communariamente, não são já possiveis hoje, mas os artistas vivendo da

vida febril que os rodeia e luctando para exteriorisar, sob uma forma inedita e pessoal, o sentimento vago em que o seu espirito se debate, são ainda capazes de muito, e de esperar é que, dos seus esforços, só apparentemente desconstrados e contradictorios, venha a nascer a architectura de amanhã, por ora, só vagamente imaginavel como o meio social que ella é destinada a servir e abrigar.

Mas, para isso, temos todos de trabalhar, architectos ou não architectos. Aquelles, procurando e luctando, estes, ajudando-os



Perspectiva da sala de jantar e salão

e chamando-os a illuminar, com uma parcella do seu sonho, o *habitat*, a que, individualmente, ou no convivio social, teem fatalmente, de acolher-se.

Sem isso, continuaremos como até agora, distanciados dos outros povos, a arrastar-nos n'uma decadencia que será cada vez maior. E, em arte, como em tudo, não progredir é morrer.

JOSÉ DE FIGUEIREDO

NOTAS

- A edificação de que tratamos foi feita pela «Constructora», do Porto.
- Os trabalhos de serralharia, por Jacob Lopes da Silva e outros.
- As ferragens pela casa Garnier, de Paris.
- As cantarias de Montelavar e Tala, por Pardal Monteiro.
- As installações electricas e telephonicas, pelas casas Herrmann e Julio Gomes Ferreira & C.<sup>ª</sup>.
- As installações de aquecimento, pela casa Geneste & Herscher, de Paris.
- Os estuques e pinturas, por Cruz & Franco.
- A edificação é toda vedada por persianas de ferro e madeira de carvalho, fornecidas pela casa Jaquet Mesnet & C.<sup>ª</sup>, de Paris.
- O edificio foi construido em 18 mezes e importou em cerca de cem contos de réis.

## Premio Valmór

A camara municipal de Lisboa, com prévia opinião unanime do jury nomeado pela mesma camara, Academia Real de Bellas Artes e Associação dos Architectos Portuguezes, conferiu o Premio Valmór, instituido em legado d'este benemerito titular, ao predio do sr. Ernesto Empis, cujas gravuras publicámos no n.º 3, de março ultimo, d'esta Revista, e de cujo projecto é auctor o nosso illustre collaborador e distincto architecto, sr. Antonio do Couto Abreu, a quem endereçamos as nossas mais cordeas felicitações pelo justo galardão obtido pelo seu grande merito artistico.



Planta do primeiro andar, da casa do sr. J. J. da Silva Graça

## O Monumento de Mafra

(Continuado do n.º 11)

Ha nos espaldares huns frisos q.º formão estantes, onde os Religiosos encostão os livros da banda de dentro, e ficão p.ª se lerem, em proporcionada altura. De noite tem cada hum dos Religiosos defronte de sy huma luz que sahe por hum canudo de latão em q.º a vella está metida com tal engenho q.º ella mesma persy vay sahindo da comprehẽção em q.º se acha, conforme se vay consumindo, sem q.º seja necessario q.º a ajudem, e sem molestia para a vista, porq.º tem cada canudo hũa bandr.ª que tira o reflexo da luz, e só se estende pelos livros, por ficar este engenho a elles em boa proporsão, por sima dos frizos dos Espaldares, nas cadeiras inferiores, q.º nas superiores tem as cadeyras por sima de seus respaldos as mesmas luzes, com o engenho referido (16).

Nos lugares das cardencias estão dous espelhos grandes de pedra pretta encubertos com os Espaldares das cadeyras q.º tem de comprimento cada hum 18 palmos e meyo, e de largo 9. No meio do coro estão tres Estantes que servem ao coristado, e noviciado. Deante de cada huma destas se poem de noite hum candieyro grande de folha de Flandres, do feytio de hum cabaço, que este he o seu nome proprio, com trez canudos cada hum q.º tem o mesmo engenho, e arteficio q.º referimos nas mais luzes (17).

Nos dias classicos todo o Coro e Igreja está cheyo de luzes de tal sorte dispostas, q.º a cada braço da cadeyrz, corresponde nos Espaldares hum castiçal de bronze, com huma vella de quarta, e no meyo do Coro nos lados de cada Estante estão dous tocheyros de ferro com brandoens, q.º ao todo fazem o numero de seis, e outras tantas vellas azezas, em cada hum dos altares de toda a Igreja, e nos pilares della estão cornicopias de bronze lavrado a tres lumes cada huma, q.º por todas são 34 e acomodão 102 vellas.

Sahindo do cruzeiro para a Capella mor, se sobem trez degraos, e d'esta para o Altar mor se sobem do pavimento da ditta capella seis: trez ate ao Prisbiterio, e outros trez até ao subpedanio do Altar. Tem o Altar 12 palmos de comprimento e sinco e meyo de largo, todo de huma só pedra branca, com huma cruz no meyo moldurada em roda, cuja

pedra he toda sagrada, e no lugar onde se costuma por a pedra de Ara, tem hũ receptacullo, em q.º se conserva huma caixa de ouro chea de preciosas reliquias, para se verificarem aquellas palavras, q.º no introito da Missa diz o sacerdote — *et omnium sanctorum quorum reliquia hic sunt*—. Isto mesmo se acha nos mais altares da Igr.ª.

Cada hum dos altares tem de comprido 10 palmos e 5 de largo; cobrem-se com sette mapas, q.º vem a ser sinco panos grandes, o corporal, e a sua guarda. As banquetas são todas de bronze almofadadas: a do altar mór, e as dos dous grandes do cruzeyro tem de comprido 15 palmos e hum e meyo de largo; e as dos mais altares tem o comprimento dos mesmos altares. Sobre cada huma das banquetas, de huns e outros, estão 6 castiças e huma cruz romana, com hum crucifixo, tudo de bronze lavrado.

Nas costas da banquetta da capella mór e em todo o vão que medea entre as columnas vermelhas, se vê huma notavel almofada de pedra pretta muy lustroza com moldura da mesma pedra e o fundo azul. Por sima desta se vê o paynel q.º ocupa todo o campo até a simalha, o qual tem huma admiravel moldura de pedra pretta feyta com o mais delicado primor da arte: redonda pela parte superior, e no meyo da parte inferior faz hnm meyo circullo, cujo vão se orna com huma grande e preciosa concha de pedra branca, q.º lansa das suas estremidades dous festões da mesma pedra.

Neste paynel se mostra a May de Deos oferecendo, o mesmo Deos Menino a S. Antonio, com assistencia de muitos Anjos q.º prostrados estão reverenciando esta maravilha. Por sima do paynel, esta hum seraphim de pedra branca, de cujas azas sahem dous festões grandes de flores da mesma pedra, o q.º tambem se acha nos mais altares (18). Por sima do seraphim, vay a simalha q.º fexa por modo piramidal, e por sima d'esta estão os dous anjos nos lados adorando ao Santo Christo, q.º fica por sima em hum resplendor de gloria, tudo feyto com pedra de Italia.

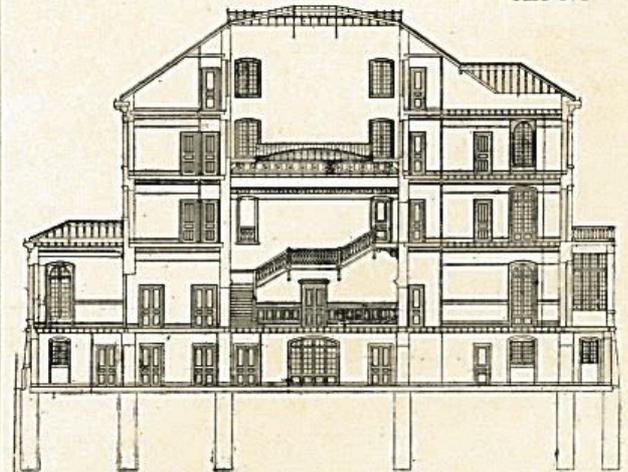
(Continua).

(16) No museu do Palacio, installado na casa *De Profundis*, ainda se vêem alguns d'estes tubos, de um systema muito empregado hoje na illuminação por meio de velas, quer de estearina, quer de cera, e ha poucos annos adoptado nas egrejas sob a denominação de *velas automaticas*.

(17) O côro foi retirado em 1868, quando se fizeram varias modificações na Igreja, e d'elle restam apenas as duas bancadas com espaldar que acompanham as paredes lateraes da capella mór até á escada do presbiterio, e outras de menores dimensões collocadas ultimamente no cruzeiro. O pulpito, que se encontrava á entrada do côro, vê-se hoje no cruzeiro junto á balaustrada da capella mór.

(18) O quadro a oleo, da escola romana, é de Trevasini. Foi retocado em 1826 pelo pintor italiano Viale, que veio a Mafra para esse fim. O quadro foi retirado da moldura em 2 de fevereiro e alli collocado novamente em 2 de Maio. N'essa occasião foi copiado o desenho e tiradas as dimensões para ser substituido pelo retabulo em marmore, que D. João VI ordenara se fizesse em Lisboa, o que não foi a effeito pelo fallecimento d'este monarcha.

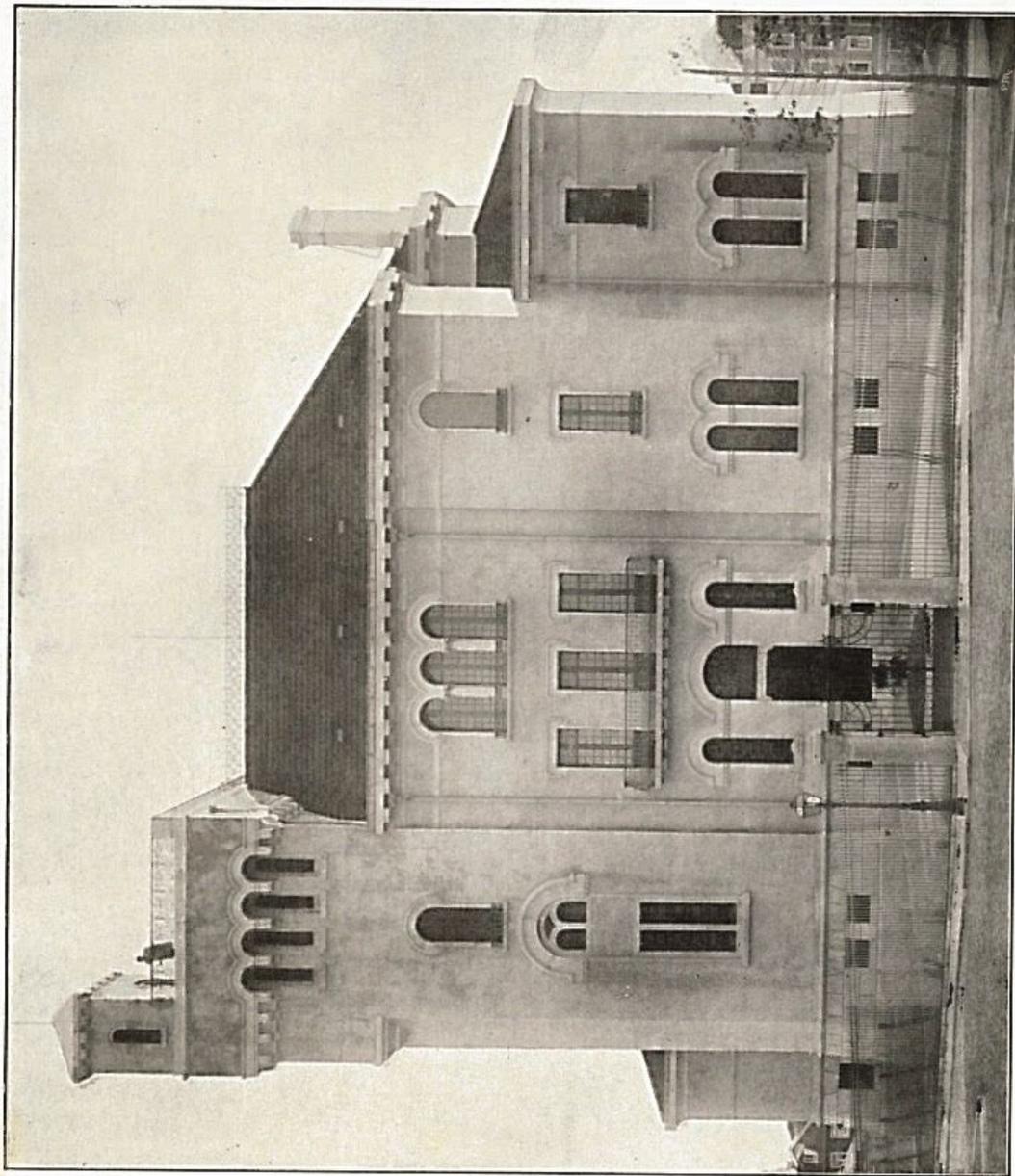
JULIO IVO



Corte por A B, da casa do sr. J. J. da Silva Graça

## A casa do sr. J. J. da Silva Graça.

CONTORNADA PELAS AVENIDAS, FONTES PEREIRA DE MELLO, ANTONIO MARIA DE AVELLAR E RUAS LATINO COELHO, BARROS GOMES E THOMAZ RIBEIRO

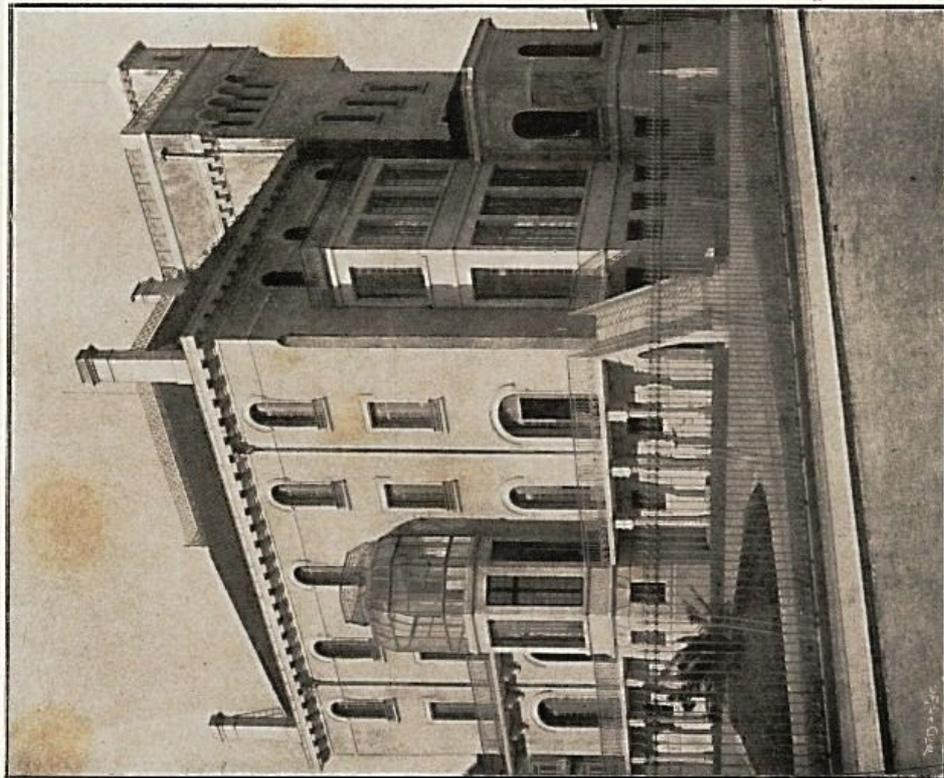


ARCHITECTO: VENTURA TERRA

FACHADA PRINCIPAL (NORTE)

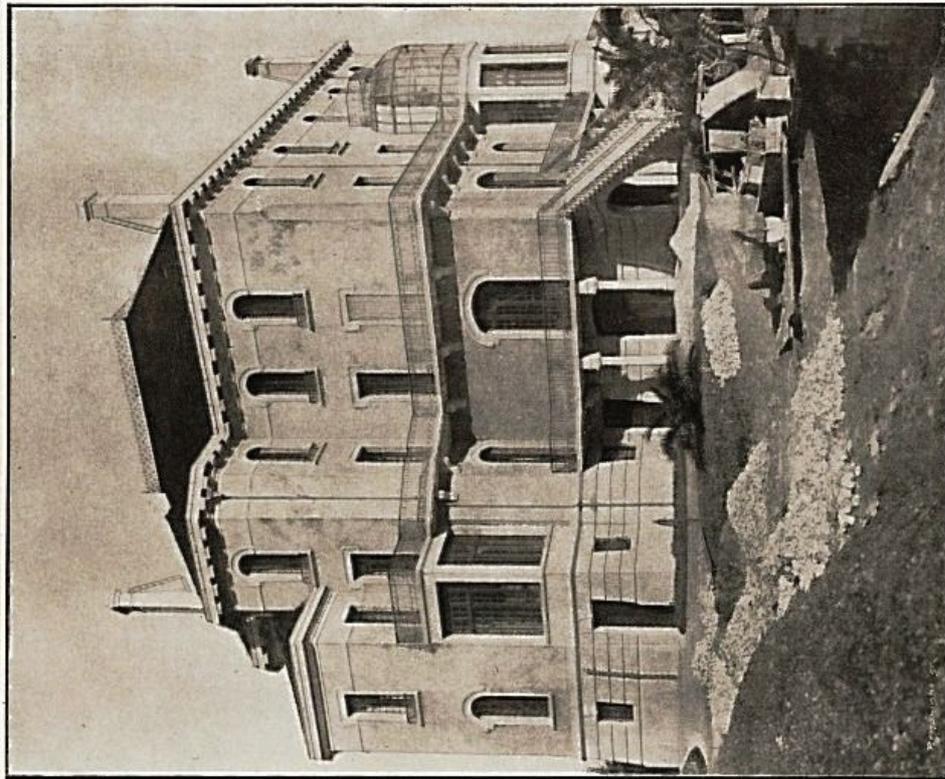
## A casa do sr. J. J. da Silva Graça

CONTORNADA PELAS AVENIDAS FONTES PEREIRA DE MELLO, ANTONIO MARIA DE AVELLAR E RUAS LATINO COELHO, BARRÓS COMES E THOMAZ RIBEIRO



PERSPECTIVA DAS FACHADAS SUL E NASCENTE

ARCHITECTO: VENTURA TERRA



PERSPECTIVA DAS FACHADAS POENTE E SUL